

## A MEMÓRIA FEMININA E A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985) EM *THERE ARE MORE THINGS*, DE YARA RODRIGUES FOWLER

Mariana Soletti da Silva \*

solettimariana@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Regina Kohlrausch\*\*

regina.kohlrausch@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

**Resumo:** O presente artigo procura analisar a memória feminina durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) e seus desdobramentos na obra *there are more things* (2023), de Yara Rodrigues Fowler. A obra retrata não só questões como a guerrilha, o exílio e o trauma dos diretamente afetados pelo período de repressão no Brasil, mas também aborda períodos históricos conturbados no Reino Unido, como o Brexit. A representação de personagens femininas no romance demonstra como a literatura anglo-brasileira, escrita por imigrantes brasileiros de primeira e segunda geração no Reino Unido, contempla temas recorrentes na escrita do trauma e do testemunho na literatura brasileira. Por meio da memória, História e ficção se entrelaçam para evidenciar as consequências do regime ditatorial no imaginário feminino. Com o apoio teórico de Paul Ricœur (1984, 1985, 1988, 2004, 2014), infere-se que *there are more things*, de Yara Rodrigues Fowler (2023), por meio de uma linguagem própria da literatura anglo-brasileira, transmite com maestria as dores de uma ferida jamais cicatrizada pela sociedade.

**Palavras-chave:** ditadura militar brasileira; memória feminina; literatura anglo-brasileira; Yara Rodrigues Fowler.

*Para quem eu escrevo? A pergunta em algum momento tinha que ser feita. Por mim, já que não aparece nas páginas dele que agora tenho nas mãos e que ele deixou jogadas numa caixa para alimentar o tempo. Ou será que mesmo sem tomar as precauções necessárias meu pai tinha uma expectativa de que um encontro salvasse esses papéis de seu descaso? Uma expectativa secreta de que houvesse mais empenho em mim do que nele num reencontro tardio, mesmo depois da morte.*

Mar Azul (Vidal, 2012, p. 63).

---

\* Doutoranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa CAPES. Mestre na mesma área pela PUCRS, é jornalista e licenciada em Letras – Português e Inglês.

\*\* Professora de Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutora em Letras pela PUCRS, com pós-doutorado em Teoria Literária na Universidad de Vigo (Espanha), é editora da *Revista Letras de Hoje*.

## 1 Introdução

O tema da ditadura militar brasileira está presente na literatura desde a época de sua instauração. Entre as obras que versam sobre a temática, destacam-se *Zero* (1975)<sup>1</sup>, de Ignácio de Loyola Brandão, *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, e *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, que ganhou maior notoriedade após a sua adaptação para o cinema recentemente. No entanto, a escrita feminina como arquivo da ditadura brasileira é o mote deste artigo. Lembramos, em especial, da gaúcha Lara de Lemos (*Inventário do medo*, 1997), cuja poesia expunha a experiência da prisão nos Anos de Chumbo, dando forma estética à experiência social e universal vivida por cada um dos presos e torturados. Também se destacam romances como *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, e *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, revelando um olhar aguçado para as tensões culturais de um Brasil dividido. Pretendemos, aqui, discutir a maneira como os eventos da ditadura militar e, em especial, as atividades de ativistas políticas, foram retratados no livro *there are more things*<sup>2</sup>, de Yara Rodrigues Fowler (2023), considerado parte da literatura anglo-brasileira<sup>3</sup>. Um estudo da literatura anglo-brasileira procura analisar romances escritos por autores de primeira e segunda geração de imigrantes brasileiros vivendo no Reino Unido. A dialética entre trauma/afeto diz respeito à situação de isolamento das mulheres dentro e fora do Brasil, pois as gerações posteriores da ditadura militar refletem, na obra, uma marginalização geográfica e cultural em um entre-lugar Brasil-Reino Unido. Tal entre-lugar, proposto por Silviano Santiago em *A literatura nos trópicos* (2019), revela também como o gênero é fundamental para dualidades simples como público *versus* privado, individual *versus* coletivo, habitando “dois lugares” ao mesmo tempo (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 6). Os textos estão intrinsecamente ligados a processos de memória e identidade por meio de um trabalho de linguagem específico. A utilização do “portinglês”, ou seja, o uso concomitante do português e do inglês, auxilia na percepção do entre-lugar desses indivíduos híbridos<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Lançado originalmente na Itália, em 1974.

<sup>2</sup> Título em caixa baixa no original.

<sup>3</sup> Termo cunhado pela Autora 1 em sua Tese de Doutorado em andamento.

<sup>4</sup> Todas as citações de Yara Rodrigues Fowler (2023) estão em sua forma original, sejam elas em inglês ou em português.

Em *Memórias das mulheres no exílio*, organizado por Albertina de Oliveira Costa, Maria Teresa Porciuncula Moraes, Norma Marzola e Valentina da Rocha Lima (1980), há um capítulo intitulado “A História começa a partir de mim”. Este corte no tempo – e até mesmo uma negação da existência anterior – anuncia o marco zero na história dessas mulheres: exiladas de si e de casa, traumatizadas pelo que não conseguem esquecer, ansiosas por um recomeço mediante um resgate afetoso da memória. Ao começar a contar a história de Glória, a narração multipessoal de *there are more things* faz uma provocação: “Quer saber o que é que aconteceu? Quer mesmo? Não vou contar a minha história. A história da minha vida antes de chegar aqui não existe. Sempre morei aqui. Sempre existi” (Rodrigues Fowler, 2023, p. 142). Enquanto imigrante, a personagem precisa ser plenamente semelhante aos demais; assim, o exílio faz de sua vida passada inexistente. Mas o resgate de suas memórias, que eventualmente suscita um processo de autoconhecimento de sua filha, Melissa, e de Catarina, a situa enquanto brasileira e ativista política.

## **2 A ditadura militar brasileira (1964-1985) e a memória feminina**

A ditadura militar brasileira (1964-1985) revela um estrato do Brasil permeado por instabilidades que se atravessam, inevitavelmente, desde o período colonial. As dificuldades de assimilar a memória histórica do país acabam por ofuscar a influência de refugiados brasileiros e as reverberações de seus traumas no mundo do exílio de mães e filhas brasileiras. Todos(as) passaram pela experiência de uma maneira única: a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, exemplificando, foi organizada por grupos como Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) e União Cívica Feminina (UCF), angariando um setor conservador da classe média e classe média alta brasileira, a fim de derrubar o governo de João Goulart (Torres, 2010). As donas de casa entendiam que o Brasil se transformaria em um país comunista em tempos de Guerra Fria, corrompendo “tradições brasileiras” como o cristianismo (Torres, 2010, p. 94). Tal tradição, defendida principalmente pelas donas de casa, fez com que mulheres de todo o país desafiassem a democracia em prol da moral, da ordem e da família. Todavia, “também existiram mulheres que lutaram contra a ditadura, contrapondo-se às concepções autoritárias na política e,

ao mesmo tempo, rompendo com o papel socialmente pré-estabelecido a elas na sociedade” (Torres, 2010, p. 94).

Em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), Eurídice Figueiredo faz um estudo detalhado sobre a produção literária brasileira, oferecendo reflexões sobre o impacto do autoritarismo na literatura nacional. Ela analisa dados atualizados sobre os processos decisivos do regime, bem como a assimilação – limitada – desses acontecimentos pela sociedade. Seu discurso contribui para reconhecer o que foi reprimido e silenciado ao longo de vinte e cinco anos de ditadura, além de observar tendências temáticas e formais de obras que buscam mobilizar a população para cultivar a memória como um processo coletivo de trauma e perdão. Figueiredo afirma que “escrever hoje sobre os romances e relatos (auto)biográficos que tratam da ditadura é forçosamente rever e repensar o passado” (2017, p. 41). Utilizando preceitos de Paul Ricoeur sobre memória, esquecimento e perdão, provenientes de seu livro *Memory, History and Forgetting* [Memória, história, esquecimento] (2004), a autora defende que o passado está aberto a novas interpretações. Dessa forma, a reelaboração dos traumas torna-se um instrumental teórico fundamental para compreender nossa vida e suas (H)istórias.

A literatura sobre a ditadura envolve temas como testemunho, trauma, exílio, memória e arquivo. Nos últimos anos, escritoras jovens passaram a abordar a ditadura sob o prisma da subjetividade, evidenciando “resíduos de experiências fraturadas pela violência do vivido” por meio de uma “escrita do trauma” (Figueiredo, 2017, p. 44). Destacam-se autoras contemporâneas que retratam a arbitrariedade, a tortura, a humilhação, a prisão e o exílio vivenciados durante os anos de chumbo, como Tatiana Salem Levy em *A chave de casa* (2007), Adriana Lisboa em *Azul Corvo* (2010), Paloma Vidal em *Mar Azul* (2012), Guiomar de Grammont em *Palavras cruzadas* (2015) e Luciana Hidalgo em *Rio-Paris-Rio* (2016). Nesse contexto, discutimos como uma escritora anglo-brasileira, utilizando uma linguagem “fragmentária e lacunar” (Figueiredo, 2017, p. 44), recria a dor da repressão com o objetivo de curar as feridas da Nação e das mulheres exiladas e guerrilheiras.

O livro *Memórias das mulheres no exílio* (1980) reúne depoimentos significativos de mulheres que resistiram ao período de repressão no Brasil, seja psicologicamente, fisicamente ou intelectualmente. O grupo de exiladas, radicado em Lisboa, Portugal, organizou e editou mais de duas mil páginas de documentos

originais, abordando diversos aspectos, como: a) faixa etária (de 13 a 60 anos); b) contexto social (profissão dos pais, grau de escolaridade, profissão, atuação profissional etc.); c) estado civil; d) presença ou não dos filhos no exílio (incluindo filhos nascidos no Brasil ou fora dele); e) época e motivos da saída do Brasil, bem como as condições dessa partida; f) grau de envolvimento político, seja de forma direta ou por intermédio de organizações políticas; g) países de exílio, com destaque para o Reino Unido, foco também deste artigo. O trabalho organizado por Costa et al. (1980) buscou compreender como essas mulheres enfrentaram processos de “integração”<sup>5</sup> e marginalização em diferentes sociedades, analisando a continuidade ou interrupção de suas carreiras profissionais, as consequências positivas ou negativas para seu status econômico e social, e a consolidação dos vínculos familiares, entre outros aspectos.

O livro de memórias começa com a frase: “Esta é a minha história, a sua história, a história dela” (Costa *et al.*, 1980, p. 16), evidenciando o sentimento de irmandade e coletividade que atravessa as trajetórias das mulheres retratadas. Essa união se fundamenta em um elemento central e compartilhado: a diferença sexual, que é imposta e perpetuada pelo patriarcado. Sob a ótica da classe social, Maria Lygia Quartim de Moraes (2012) ressalta que experiências de exílio como as vividas pelo grupo de mulheres em Lisboa são, majoritariamente, experiências da classe média intelectualizada brasileira:

Os brasileiros exilados na França organizaram-se em vários grupos políticos, que acompanhavam as tendências da esquerda brasileira: leninistas, maoístas, etc. No final dos anos 60 surgiu, em Paris, o grupo *Debate*, organizado em torno da liderança intelectual de João Quartim. O *Debate*, que adquiriu um grande prestígio e permaneceu ativo até 1979, constituiu uma etapa importante para que as feministas brasileiras ligadas ao pensamento marxista percebessem a necessidade de uma militância direcionada para a questão da mulher (Moraes, 2012, p. 115).

---

<sup>5</sup> Em *The Suffering of the Immigrant*, Abdelmalek Sayad (1999) discute as terminologias “integração” (absorção completa do imigrante, com conotação positiva e homogênea), “adaptação” (absorção parcial do imigrante, em um processo constante de negociação) e “naturalização” (ponto culminante dos dois termos anteriores, mas que não apaga a discriminação). Na verdade, o autor não encontra uma resposta adequada dentre elas. Ao analisar as experiências dos imigrantes em condições de marginalização e sofrimento, como os exilados, entende que os três substantivos carregam uma visão unilateral, pois não pensa no problema da “emigração”, isto é, no outro. A complexa interação entre o imigrante e seu novo contexto social, envolvendo um processo de resistência e conservação de seus valores culturais, faz com que a “estrangeirização” (ou “marginalização”) do imigrante seja o melhor termo a ser utilizado. Sua condição permanente de “estranheza”, multifacetada e conflituosa, ocorrerá mesmo que se naturalize ou se adapte de acordo com as normas sociais de uma nação que não a sua.

Contudo, o grupo de jovens buscava um perfil “universal” de exilados, contando com “uma parte considerável das militantes do grupo” sem “qualquer vocação feminista” (Moraes, 2012, p. 115). Os textos que tratavam de sexualidades eram, em geral, descartados pelo grupo *Debate*, que se dedicava a análises na renomada revista *New Left Review*. O artigo “A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado”, de Roberto Vecchi e Alessia Di Eugenio (2020), destaca que a História, justamente por controlar a própria narrativa, acaba excluindo as mulheres da história da ditadura militar. Essas mulheres também não foram exiladas? Não participaram das guerrilhas? Não acompanharam seus companheiros? As possibilidades são múltiplas, mas, até que o feminino fosse incorporado ao discurso militante – sobretudo após a criação do *Coletivo de Mulheres no Exterior* ou *Círculo de Mulheres Brasileiras* (Moraes, 2012) –, pouco se discutiu sobre a politização das relações de gênero durante a ditadura militar.

Assim, de maneira diacrônica, o registro da experiência das mulheres está associado a obras fundamentadas em uma reconstrução histórica. Em outro momento, Moraes (2006, p. 8) ressalta que:

são raríssimos os livros escritos por mulheres, não obstante a significativa participação feminina na luta armada e as torturas, mortes e desaparecimentos de corpos. Muitas das que sobreviveram à tortura e à prisão são jornalistas, professoras universitárias e intelectuais acostumadas a escrever. No entanto, quarenta anos após, poucos são os livros em que as mulheres são o sujeito do discurso.

As mulheres, assim como outros sujeitos historicamente invisibilizados pela historiografia, permanecem sem ter suas trajetórias devidamente registradas. Costa *et al.* (1980, p. 21) denominam esse fenômeno de “mutilação da história”, uma espécie de intervenção que busca apresentar versões higienizadas de determinados acontecimentos, como a ênfase na centralidade masculina nas guerrilhas da ditadura militar brasileira. Em decorrência disso, reunir testemunhos, narrativas de vida e tradições orais torna-se “um esforço de reconstituição, assim como uma tentativa de dar livre curso à nossa imaginação e à nossa criatividade, de dar instrumentos para o domínio do futuro” (Costa *et al.*, 1980, p. 17). Nesse sentido, a “periodização histórica” (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 4) oferece à narrativa a possibilidade de suscitar reflexões críticas, destacando o papel do gênero “como

elemento disjuntivo para realizar a leitura alternativa da história. Segundo os autores, a forma literária absorve um movimento da história que é "reduzido a material essencial da construção estética" (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 4).

Além de serem militantes políticas, a condição dessas mulheres carrega elementos singulares da experiência política feminina, pois elas transcendem sua atuação individual a partir de um recorte de gênero. A apropriação de sua História contribui para a construção de uma identidade social de um grupo constantemente punido, perseguido e torturado. O exílio surge como referência central; contudo, é importante ressaltar que a ditadura militar produziu impactos distintos na trajetória dessas mulheres, uma vez que há múltiplos perfis de militantes políticos, e a aceitação ou rejeição da condição de exílio envolve uma série de fatores. A resistência e a recusa, quem permaneceu e quem partiu, a ambivalência entre trauma e afeto: pode-se afirmar que a ditadura militar representa apenas mais uma camada de opressão entre as diversas expressões profissionais, políticas e familiares vivenciadas pelas mulheres.

### 1.1 Memória e (H)história feminina na condição de imigrante e exilada em *there are more things*

Jango promised land reform and he promised literacy. And literacy for the people meant the people could vote. The people descended from the five million enslaved Africans who had been kidnapped and brought across the Atlantic to cut sugar cane and log rainforest trees and clean and cook to make the country rich. The people who remained of, and had descended from, the Aikanã, Aikewara, Akuntsu, Amanayé, Amondawa, Anacé, Anambé, Aparai, Apiaká, Apinayé, Apurinã, Aranã, Arapaso, Arapium, Arara, Arara da Volta Grande de Xingu, Arara do Rio Amônia, Arara do Rio Branco, Arara Shawādawa, Arara Vermelha, Arabóia, Araweté, Arikapú, Aruá, Ashaninka, Asurini do Tocantins, Asurini do Xingu, Atikum, Avá-Canoeiro, Awa Guajá, Awa Isolados, Aweti, Bakairi, Banawá, Baniwa, Bará, Barasana, Baré, Bororo, Borari, Cabeceira do Rio Camanaú, Canela Apanyekrá, Canela, Ramkokamekrá, Cara Preta, Chamacoco, Charrua, Chiquitano, Cinta Larga, Dâw, Deni, Desana, Djeoromixí, Enawenês-nawês, Fulkaxó, Fulni-ô, Galibi-Oiapoque, Galibi-Marworno, Gamela, Gavião Akratikatêjê, Gavião Kykatejê, Gavião Parakatêjê, Gavião Pykopjê, Guajajara, Guarani Kaiowá, Guarani Mbya, Guarani Nandeva, Guarasugwe, Guató, Hixkaryana, Huni Kuin, Hupda, Ikolen, Ikpeng, Ingarikó, Iny Karajá, Iranxe Manoki, Isolado do Igarapé Tapada, Isolados do Tanaru, Isolados Akurio, Isolados akuriyó do Rio Mataware/Alto Jari, Isolados Amauaka, Isolados Bananeira, Isolados Cabeceira do Rio Camanaú, Isolados Capot/Nhinore, Isolados Cabeceira do Rio Acre, Isolados da Cabeceira do Rio Cuniuá, Isolados da Ilha do Bananal, Isolados de Mão de onça, Isolados do Alto Jutai, Isolados do Alto do Rio Canumã, Isolados do Alto Rio Humaitá, Isolados do Alto Rio Ipitinga, Isolados do Alto Rio Jatapu, Isolados do Alto Rio Panamá, Isolados do Alto Tapajós, Isolados do Alto Tarauacá, Isolados do Amajari, Isolados do Arama/Inauini, Isolados do Auaris/Fronteira, Isolados do Baixo

Jatapu/Oriente, Isolados do Baixo Rio Cauaburis, Isolados do Bararati, Isolados do Cautário, Isolados do Igarapé Alerta, Isolados do Igarapé Amburus, Isolados do Igarapé Bafuanã, Isolados do Igarapé Bom Jardim, Isolados do Igarapé Cravo, Isolados do Igarapé do Anjo, Isolados do Igarapé do Natal, Isolados do Igarapé Flecheira, Isolados do Igarapé Inferno, Isolados do Igarapé Ipiçava, Isolados do Igarapé Lambança, Isolados do Igarapé Maburrã, Isolados do Igarapé Nauá, Isolados do Igarapé Pacutinga, Isolados do Igarapé Papavo, Isolados do Igarapé Patiá, Isolados do Igarapé Pedro Lopes, Isolados do Igarapé Preto, Isolados do Igarapé Recreio, Isolados do Igarapé São Pedro, Isolados do Igarapé São Salvador, Isolados do Igarapé Taboca do Alto Tarauacá, Isolados do Igarapé Tabocal, Isolados do Igarapé Tapada, Isolados do Igarapé Waranaçu [...] Sanuma, Yanomami Yanomae, Yanomami Yanomami, Yawalapiti, Yawanawá, Ye-kwana, Yudja, Yuhupde, Zo'é, Zoró who had survived (this is this is what happened) (Rodrigues Fowler, 2023, p. 222-223).

A epígrafe inicial já evidenciar o compromisso de *there are more things*, de Yara Rodrigues Fowler (2023), com a História. As consequências da ditadura militar brasileira (1964-1985) nos campos político e social repercutiram de forma particular e coletiva na vida das personagens: Catarina, nascida em uma família inserida na política no Brasil, e Melissa, que nasceu em Londres, mas carrega em seu percurso um passado político brasileiro através da avó, ex-guerrilheira. As duas se encontram em 2016, ano marcado pelo golpe contra a ex-presidenta Dilma Rousseff e pelo início da longa trajetória do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia. Neste contexto, o entrelaçamento entre memória e identidade serve para entender as reverberações de tensões sociais nas personagens brasileiras (ou anglo-brasileiras), e de que forma os traumas e afetos originados na ditadura militar brasileira se manifestam em gerações posteriores. Assim, a literatura se mostra como um caminho relevante para olharmos para esses indivíduos e suas histórias.

Melissa held up her placard. It said in all bright colors (pink, yellow, blue, green)

NÃO AO GOLPE

While she spoke into the microphone reading in English what Catarina had said, Melissa had wiped her brow with her wrist, smudging the sweat around. The pavement was thin, the cars drove close to them (Rodrigues Fowler, 2023, p. 281).

O filósofo francês Paul Ricoeur (1984, 1985, 1988) destaca que a forma narrativa está intrinsicamente atrelada à noção de tempo. Segundo ele, o mundo é



definido pelo tempo e se torna verdadeiramente humano à medida que é organizado em narrativas, as quais revelam todas as camadas da experiência temporal. A relação entre passado e presente é um tema recorrente em sua obra, principalmente em *Tempo e Narrativa* (1984, 1985, 1988), onde Ricoeur discute as semelhanças e diferenças entre história e ficção. Para o autor, a intencionalidade histórica é algo distante da literatura, mesmo quando esta busca o máximo de realismo; afinal, o passado não é concreto, mas sim uma referência metafórica reconstruída pela imaginação. As narrativas ficcionais integram um ciclo no qual história e literatura emprestam mutuamente interpretações e referências. As operações que formam o ato de narrar, detalhadas por Ricoeur na teoria da tríplice mimesis, permanecem conectadas à História, ainda que se afastem da forma narrativa tradicional. Mesmo por meio de um "método adequado", elas continuam a se estruturar a partir da dimensão temporal do universo das ações humanas (Ricoeur, 1985).

A aproximação entre narrativa histórica e narrativa ficcional (Ricoeur, 1985) evidencia, nos eventos retratados por Rodrigues Fowler, uma interseção marcada pela fabulação, necessária para entender as lacunas identitárias deixadas pelos rastros da ditadura militar e tensões sociais que resultam na marginalização de indivíduos, principalmente mulheres. Em *there are more things*, as personagens femininas estabelecem uma ligação significativa com o período da ditadura militar brasileira, cujas consequências reverberam nas gerações seguintes e influenciam articulações políticas contemporânea, como a resistência ao Golpe de 2016 e o Brexit. Nesse sentido, é relevante ressaltar o conceito de *literatura anglo-brasileira*, que abrange escritores de primeira e segunda geração de imigrantes brasileiros no Reino Unido, transitando entre a assimilação da cultura britânica e a preservação da memória e dos afetos brasileiros.

Os métodos empregados pela História podem ser comparados à elaboração de uma ficção dentro de um formato narrativo. A seleção dos acontecimentos, a atribuição de sentidos a esses fatos e sua organização temporal possibilitam que cada leitor tenha uma interpretação única. Enquanto o tempo histórico se apresenta de forma linear e, muitas vezes, imprevisível, o tempo narrativo é estruturado de forma a ser claro e acessível ao público. O narrador seleciona e organiza os acontecimentos de maneira a estabelecer uma cronologia lógica. Esse processo, que envolve a criação ativa de sentido, revela que tanto historiadores quanto

narradores têm urgência de compreender o passado e a experiência humana, ainda que utilizem abordagens e objetivos diferentes (Ricœur, 2004).

A memória histórica e a memória individual se entrelaçam e a ideia da narrativa “quase histórica” e “quase ficcional”, proposta por Ricœur, ganha destaque. Para Paul Ricœur (1988), o caráter “quase-histórico” da ficção se sobrepõe de maneira clara ao caráter “quase-fictício” de um passado histórico. A função da ficção, quando relacionada à história, é justamente liberta possibilidades não atualizadas no passado histórico; assim, é por meio do “quase-histórico” que o texto ficcional consegue abrir novas perspectivas para o passado de sua narrativa. Desse modo, o entrelaçamento entre história e ficção na reconfiguração do tempo revela uma sobreposição mútua: o momento “quase-histórico” da ficção troca de lugar com o momento “quase-fictício” da história.

Entre o empréstimo supracitado, a vida das mulheres acontece, apesar da e por causa da ditadura. Em *Memory, History and Forgetting*, Paul Ricœur (2004) investiga os métodos da memória, diferenciando especialmente entre “lembança” e “memória”. A busca por uma determinada memória passa pela rememoração, até chegar na memória tal como ela é vivida e exercida na memória reflexiva – aquela voltada para o próprio sujeito, que fecha o ciclo hermenêutico “de si” proposto pelo autor em *O si-mesmo como outro* (2014). Ricœur ressalta que a memória não pode ser reduzida à recordação – como lembrança –, pois, nesse caso, estaria restrita ao campo da imaginação. Em um processo por autoconhecimento, o autor busca resolver um enigma que diz respeito à presença do que é ausente, um enigma comum entre memória e imaginação. No entanto, ele afirma que “a memória pertence à esfera da interioridade – ao ciclo da interioridade”<sup>6</sup> (Ricœur, 2004, Loc. 905, Kindle). Memória e imaginação estão ligadas por pertencerem à nossa alma sensível, seguindo Platão e a escola sofista. A proximidade entre as duas problemáticas dá nova força à aporia relativa ao modo de presença do ausente e, inevitavelmente, à temporalidade do tempo.

Interligando seus estudos em *Tempo e Narrativa*,

A referência ao tempo que poderíamos esperar do uso do verbo “preservar na memória” não é relevante no quadro de uma teoria epistêmica que se preocupa com o estatuto da opinião falsa, portanto com o julgamento e não com a memória como tal. Sua força é abraçar integralmente, na perspectiva

---

<sup>6</sup> [...] memory belongs to the sphere of interiority—to the cycle of inwardness. (Tradução das autoras).

de uma fenomenologia dos erros, a aporia da presença da ausência (Ricœur, 2004, Loc. 312, Kindle)<sup>7</sup>.

A análise do tempo e da memória se sobrepõem. O tempo, tema central em três dos volumes mais relevantes da obra de Paul Ricœur, parece suspenso diante do afeto na ausência. Segundo o autor, “quando o afeto está presente mas a coisa está ausente, o que não está presente é sempre lembrado”<sup>8</sup> (Ricœur, 2004, Loc. 468, Kindle). A chamada “ciência de rastros” (Ricœur, 2004, Loc. 399, Kindle) torna-se possível fora da problemática de leitura da memória imediata e do que ele denomina de “imprint” (Ricœur, 2004, Loc. 399, Kindle). Ao aplicar a filosofia sofista, o autor distingue os diferentes usos da palavra “rastros” a partir de um estudo sobre a corporeidade, um corpo enquanto objeto confrontado com um corpo *outrora* vivido, que depende de um plano linguístico e semântico e não mais ontológico para sobreviver. Assim, a memória pertence ao passado por meio da linguagem.

A evocação da memória é apresentada como uma escavação deliberada (e, não à toa, o primeiro romance de Yara Rodrigues Fowler chama-se *Stubborn Archivist*, [*Teimosa Arquivista*]), direcionada ao afeto que colocamos nela<sup>9</sup>. Os riscos de um esquecimento – ligado, inevitavelmente, à anamnese – evidenciam que a *diferença* é um fator central no campo da História. Projetos literários como os de Yara Rodrigues Fowler também se dedicam a expor a diferença sexual que silencia os rostos desfigurados de histórias de mulheres esquecidas – lésbicas, feministas, ativistas, latinas e imigrantes. Trata-se de um processo consciente, em que o esforço e a rebeldia da lembrança tornam-se armas contra o tempo e instrumentos para uma leitura adequada da História, corroborando a filosofia de Ricœur.

I wouldn't want to be out on the street if that happened in England  
No?  
No... in England people would have been fighting on the street  
Well in Brazil people were crying and the same people were laughing about it  
Right

<sup>7</sup> The reference to time we might expect from the use of the verb “to preserve in memory” is not relevant in the framework of an epistemic theory that is concerned with the status of false opinion, hence with judgment and not with memory as such. Its strength is to embrace in full, from the perspective of a phenomenology of mistakes, the aporia of the presence of absence. (Tradução das autoras).

<sup>8</sup> [...] when the affection is present but the thing is absent, what is not present is ever remembered. (Tradução das autoras).

<sup>9</sup> A partir da produção memorialista, busca-se “resgatar palimpsestos do passado enterrados por baixo de outras escritas ou silêncios, desempenhando uma função vicária de recomposição de simulacros explícitos da história” (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 2).

It felt like nothing like that had ever happened before  
[...]

We have a history of coups and instability in Brazil  
Yes of course  
In Latin America  
Yes yes of course  
Whereas this - she touched the windowsill near his hand - This is the first time  
in a long time that you in England have felt of true political instability  
Yes  
And I don't think you understand it at all  
He looked at her without speaking.

[...] And not so long - under Thatcher. The Troubles, for example, Northern  
Ireland was a warzone (Rodrigues Fowler, 2023, p. 285).

As memórias traumáticas presentes em *there are more things* dialogam diretamente com a questão da luta contra o silêncio (o esforço de a mulher ser ouvida, em razão do vínculo afetivo entre as personagens femininas no romance) e a “tentação do esquecimento” (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 3), por meio do trauma. A ditadura militar brasileira aparece em textos como *there are more things* enquanto um elo entre mulheres: um relacionamento sáfico cujas reverberações estão na Inglaterra, com a filha e a sobrinha dessas mulheres seguem lutando por um mundo melhor. Laura e Glória viveram em um tempo suspenso na guerrilha; suas familiares, anos depois, reconstroem a (H)istória a partir das tensões de seu próprio tempo. A memória, conservada por uma e enterrada por outra, que tem dificuldade de acessar os traumas da família, surge para tentar reconstruir cicatrizes que nunca sararam. Assim, no caso das memórias traumáticas femininas, “os vazios e esquecimentos tomam também uma dimensão de gênero: a dificuldade e a possibilidade de lembrar e contar devem ser relacionadas com a condição e consideração histórica das mulheres” (Vecchi; Di Eugenio, 2020, p. 4), uma vez que também sofreram com a diferença sexual em lutas clandestinas, como a guerrilha. Pode-se dizer, então, que a escrita de Yara Rodrigues Fowler (2023) é, sobretudo, revolucionária, pois afirma o papel da mulher e o peso de sua fala no espaço social e político nacional e internacional.

Ao discutir uma literatura comprometida socialmente, é fundamental considerar que a ditadura militar brasileira tem enfrentado, nos últimos anos, um crescente processo de descrédito. Enquanto a ex-presidenta Dilma Rousseff conduziu, com braveza, a Comissão da Verdade, o absurdo que rege o Brasil faz com que certas ações institucionais, como um *tuíte* do presidente sobre o aniversário do Golpe até a justa repressão a quem nega os horrores dos anos de chumbo, sejam consideradas

“radicais”. Nas palavras de Ana Maria Machado (2012, p. 175): “A gente fica sonhando, imaginando que é a terra das belas árvores, mas no fundo é mesmo o país da madeira derrubada para tingir pano. Ou essa sua ideia engraçada: Brasil, terra da brasa”.

Com a reflexão proposta pela música *Pedaço de mim*<sup>10</sup>, de Chico Buarque, o livro revela as memórias mais profundas de Glória, que abandonou uma parte concreta de sua identidade: um relacionamento lésbico em plena ditadura militar brasileira com Laura, tia de Melissa. Além de militante, ativista, guerrilheira ativa, Glória abdicou de outras identidades suas para se reinventar a partir daquele momento, assumindo sobretudo sua identidade de brasileira, no Brasil, mesmo que “Here, with you, it is as if there were no dictatorship” (Rodrigues Fowler, 2023, p. 141), ou seja, “Aqui, com você, é como se não houvesse ditadura alguma”. A tradução livre para o inglês, em uma obra cuja linguagem explora o aspecto híbrido do sujeito inglês/brasileiro, reforça ainda mais a ligação entre os dois países, especialmente pela ideia da distância:

Oh, piece of me  
Oh, distant half of me

Look away from me  
because yearning is the worst torment  
it is worse than forgetting  
it is worse than paralysis

Oh, piece of me  
Oh, exiled half of me

Take your signs with you  
Because yearning hurts like a ship  
tracing an arc, bit by bit,  
and avoiding mooring at the pier

Oh, piece of me  
Oh, ripped out half of me

Take your shadow with you  
because yearning is the reverse of giving birth

---

<sup>10</sup> A música foi escrita em 1972, no contexto da ditadura militar brasileira. Alegadamente associada à luta de Zuzu Angel contra o regime devido ao desaparecimento de seu filho, Stuart Angel Jones. Ele foi torturado e, em seguida, desapareceu. A versão oficial da época alegava que ele tinha morrido durante uma tentativa de fuga, mas nunca houve uma investigação clara ou responsável sobre o caso. Zuzu se tornou uma das mais vigorosas defensoras dos direitos humanos e uma das maiores vozes contra a repressão e os abusos do regime militar. Em 1976, a estilista morreu em um acidente de carro que muitos acreditam ter sido orquestrado pelos agentes da ditadura como uma forma de silenciar suas denúncias. O acidente ocorreu no Rio de Janeiro, e as circunstâncias foram extremamente suspeitas, com indícios de que o carro em que ela estava foi forçado a sair da estrada.

yearning is tidying the room  
of a child who is already dead

Oh, piece of me  
Oh, amputated half of me

Take the rest of you with you  
because the pain of yearning throbs  
like a stab  
to a limb I've already lost

Oh, piece of me  
Oh, adored half of me

Wash my eyes  
because yearning is the worst punishment  
and I don't want to take with me  
the shroud of love

Adeus  
(Rodrigues Fowler, 2023, p. 134-135).

É paradoxal, mas essa conjuntura foi o que possibilitou a construção de uma pessoa que nunca mais existirá para a mãe de Melissa ("o que será que nossas filhas dirão de nós?" (Rodrigues Fowler, 2023, p. 141), e isso passa, evidentemente, pela história de seu próprio país. Há uma clara alusão à própria condição de guerrilheira da ex-presidenta Dilma Rousseff, que sofreria um processo de *impeachment* no contexto de *there are more things*, suscitando profícuas discussões acerca das políticas do Reino Unido e Brasil:

My boyfriend - we were skyping yesterday - he thinks that they will try to impeach Dilma. My parents are also scared of this. I don't know if it is what will happen. Our democracy is only two years older than I am, you must understand this.

Catarina felt embarrassed, like she had said or given or shown too much. She cleared her throat, touched the table.

Olivia replied too quickly - Of course you hear there is corruption on both sides. People say that Rousseff herself was implicated -

Catarina interrupted, feeling the alcohol rush to her cheeks and mouth - That is not the point - Dilma is not - their motivations are political - a technicality is not a reason to remove a democratically elected president. You would not countenance such a thing here, in your own parliament (Rodrigues Fowler, 2023, p. 34).

Yara Rodrigues Fowler usa de sua ficção para reconstruir as memórias traumáticas das mulheres, trazendo à tona questões de gênero e política que ainda reverberam no Brasil e no Reino Unido. A obra de Fowler é vista como

revolucionária ao afirmar o papel das mulheres na história e sua luta por justiça e reconhecimento de verdades históricas renegadas por suas próprias comunidades.

### 3 Conclusão

A dupla cicatriz, a da ditadura e a da luta silenciosa das mulheres, abarca opressões fundantes da sociedade patriarcal, como o único de alguns romances que discorrem sobre a ditadura e *there are more things*, de Yara Rodrigues Fowler (2023). A História enxergada pela questão de gênero, nesse contexto, possibilita o surgimento de uma memória feminina que resiste ao esquecimento – na medida do possível, haja vista que, como diz Ricoeur, sempre que nos lembramos de algo, esquecemos de algo também. Uma leitura alternativa da história surge como uma “outra escrita”, fora dos livros didáticos que separam cada Ato Institucional ou projeto de nacionalização.

Desta maneira, ficções como *there are more things* nos ajudam a contar a história de um país – e de uma identidade, do que é ser brasileiro – não apenas pelos grandes eventos, em uma verticalização do conceito de História. O que fazem é defini-la por meio do individual, de vozes femininas que buscam uma maneira de narrar sua dor. Restitui-se, de maneira agri-doce, a complexidade dos sentimentos vividos na época – um passado que ainda ecoa no presente, pois nunca foi plenamente internalizado pela sociedade brasileira. Enquanto na literatura anglo-brasileira as personagens comumente são confrontadas com suas identidades fragmentadas e deslocadas, a ditadura militar também tem seus fragmentos: documentações perdidas, obras inacabadas, desaparecimentos de militantes, um luto mal processado e reprimido por toda uma sociedade.

A troca de perspectivas e a busca por novas formas de escrever as memórias são um gesto profundo, que revela a importância de refletirmos sobre a transmissão da memória feminina na sociedade. Em *there are more things*, a introdução sobre o tempo da ditadura e da redemocratização carrega uma urgência silenciosa, como se a memória, com toda a sua força, nos convocasse a lembrar: tentar fechar uma cicatriz ainda aberta, cujo acesso atestam as discussões sobre “golpe” ou “revolução” de 64, bem como “golpe” ou “impeachment” de Dilma Rousseff. Na literatura anglo-brasileira de Yara Rodrigues Fowler, a urgência de lembrar as mulheres guerrilheiras cujo relacionamento amoroso se reduplica na amizade entre suas descendentes demonstra o elo inexorável entre o que é ser uma mulher. A

história de Glória, mãe de Catarina, começa a ser contada para que se entenda como o encontro entre as duas jovens adultas é significativo. Glória era uma enfermeira na Unidade de Tratamento Intensivo de um hospital no extremo sul de Londres, enquanto a filha iniciava a faculdade em Mile End, no extremo leste. A relação entre as personagens demonstra a resiliência das mulheres, seja na ditadura militar ou no contexto Brexit e Golpe de 2016. As duas se apropriam dos seus tempos e suas vozes ganham uma roupagem política, não só pelos seus contextos sócio-históricos, mas pela noção de irmandade (ou *sisterhood*, Yara Rodrigues Fowler (2023) utiliza as duas expressões) e acolhimento feminino.

A partir de preceitos ricœurianos, sugerimos que a obra de Yara Rodrigues Fowler (2023) se junta à literatura sobre a Ditadura, dando ênfase na subjetividade feminina e nas suas experiências fraturadas pela violência. Ao revisitar o papel das mulheres no exílio, discutindo como o grupo de mulheres exiladas em Lisboa refletiu sobre sua vivência e sobre a integração em novas sociedades, o artigo demonstrou como a memória das mulheres exiladas se entrelaça com a História não contada da ditadura, que muitas vezes silenciou as mulheres em suas experiências de guerrilha e sua militância política. A trama de *there are more things* lida com as duas questões: Catarina e Melissa, na época do golpe de 2016 e do Brexit, ligam-se às familiares Laura e Gloria, que sofreram nas mãos da ditadura militar brasileira. A literatura anglo-brasileira serve como uma ponte entre a memória do exílio e as experiências das gerações posteriores, refletindo o impacto contínuo da ditadura. Esse aspecto só é possível pelo entendimento de que a literatura anglo-brasileira lida com a memória e a identidade de uma maneira peculiar. Portanto, a teoria de Paul Ricœur sobre a relação entre memória, tempo e narrativa é fundamental para entender como a ficção pode reconfigurar o passado, permitindo novas leituras da História.

### **FEMININE MEMORY AND BRAZILIAN DICTATORSHIP (1963-1985) IN *THERE ARE MORE THINGS*, BY YARA RODRIGUES FOWLER**

**Abstract:** This article aims to analyze feminine memory during the Brazilian military dictatorship (1964–1985) and its unfolding in *there are more things* (2023), by Yara Rodrigues Fowler. The novel portrays not only issues such as guerrilla warfare, exile, and the trauma experienced by those directly affected by the period of repression in Brazil, but also addresses turbulent historical moments in the United Kingdom, such as Brexit. The representation of female characters in the narrative reveals how Anglo-Brazilian literature, written by first- and second-generation Brazilian immigrants



in the United Kingdom, engages with recurrent themes of trauma and testimony found in Brazilian literature. Through memory, history and fiction intertwine to highlight the consequences of the dictatorial regime within the feminine imagination. Drawing on the theoretical framework of Paul Ricœur (1984, 1985, 1988, 2004, 2014), it is argued that *there are more things* (2023), by Yara Rodrigues Fowler, through the distinctive language of Anglo-Brazilian literature, masterfully conveys the pain of a wound that has never been healed by society.

**Keywords:** brazilian dictatorship; feminine memory; anglo-brazilian literature; Yara Rodrigues Fowler.

## Referências

BRANDÃO, I. de B. *Zero*. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. Edição original: 1975.

COSTA, A. et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FIGUEIREDO, E. *A literatura como arquivo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GABEIRA, F. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Estação Brasil, 2016. Edição original: 1979.

GRAMMONT, G. de. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

HIDALGO, L. *Rio-Paris-Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LE MOS, L. de. *Inventário do medo*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.

LISBOA, A. *Azul Corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MACHADO, A. M. *Tropical sol da liberdade*. São Paulo: Alfaguara, 2012. Edição original: 1988.

MORAES, M. L. Q. *Feminismo e política: dos anos 60 aos nossos dias*. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 17, n. 32, p. 107-121, 2012.

MORAES, M. L. Q. Da luta armada ao feminismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30, 2006, Caxambu, Anais [...] Caxambu: ANPOCS, 2006. Disponível em: <https://anpocs.org.br/2006/10/24/30o-encontro-anual-da-anpocs/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

PAIVA, M. R. *Ainda estou aqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TELLES, L. F. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Edição original: 1973.

TORRES, M. G. Lutar para manter, lutar para romper: as mulheres e a ditadura militar brasileira. *Em Debate: Revista Digital*, Florianópolis, n. 4, p. 93-105, 2010.

RICŒUR, P. *Memory, History and Forgetting*. Tradução: Kathleen Blamey e David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 2004. Kindle.

RICŒUR, P. *Time and Narrative*. Tradução: Kathleen Blamey e David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 1984. v.1.

RICŒUR, P. *Time and Narrative*. Tradução: Kathleen Blamey e David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 1985. v.2

RICŒUR, P. *Time and Narrative*. Tradução: Kathleen Blamey e David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press, 1988. v.3

RICŒUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RODRIGUES FOWLER, Y. *there are many things*. London: Fleet, 2023.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SAYAD, A. *The Suffering of The Immigrant*. Cambridge: Policy Press, 1999.

VECCHI, R.; DI EUGENIO, A. A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018609>. Acesso em: 23 out. 2025.

VIDAL, P. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

WOLFF, C. S.; AMORIM DA SILVA, T. Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *Revista Interdisciplinar Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 190-211, jan./jul. 2013.

*Recebido em 28/03/2025*

*Aceito em 27/11/2025*

*Publicado em 23/12/2025*